



CÂMARA MUNICIPAL DE ARARAQUARA

Indicação nº 1824/2025

Indico o cumprimento dos encaminhamentos da Audiência Pública realizada no dia 19 de fevereiro.

Indico ao Senhor Prefeito Municipal a necessidade de entrar em entendimento com o setor competente para que os encaminhamentos da Audiência Pública realizada no dia 19 de fevereiro sejam cumpridos.

No dia 19/02, chamada por mim, foi realizada a Audiência Pública - “Feiras de Economia Criativa e Solidária: o que podemos esperar?”, sem o comparecimento de um representante do governo.

Saíram alguns encaminhamentos, e na tentativa de diálogo e sequenciar os pedidos, não obtive êxito com o governo.

Diante do exposto, um mês depois, sem retorno, envio a ata e indico o cumprimento dos encaminhamentos que constam.

Na expectativa de uma breve manifestação a respeito, ensejo para reiterar meus votos, estima e apreço.

Sala de Sessões “Plínio de Carvalho”, 25 de março de 2025.

FABI VIRGÍLIO

PROTÓCOLO 3091/2025 - 25/03/2025 12:28

Audiência Pública dia 19/02 – “Feiras de Economia Criativa e Solidária: o que podemos esperar?” às 18h no Plenário

Mesa: vereadores Fabi Virgílio, autora do requerimento que chamou a Audiência; Alcindo Sabino, Dr. Lelo, Guilherme Bianco, Paulo Landim; deputada estadual Márcia Lia, e Maria Eduarda Senna Pierri, representando os coletivos de feiras da cidade.

A vereadora Fabi Virgílio iniciou lendo o requerimento e dizendo que a Lei de Economia Criativa do município não contempla todo mundo. É preciso avançar e aperfeiçoar para englobar os empreendimentos que chamamos de economia popular, os quais não atuam na economia criativa, mas integram as feiras para ter seu ganha-pão. O Código de Posturas é a legislação que regulamenta as feiras de economia criativa e solidária no município, porém é antigo e deixa muitas lacunas. Apresentou o mapeamento do perfil dos feirantes em Araraquara, feito pela Coordenadoria de Trabalho e Economia Criativa e Solidária em 2024:

- quase 50% dos expositores têm na feira sua única fonte de renda; 78% dos feirantes são mulheres; 36% dos feirantes têm ensino superior, 46% só o ensino médio e 8% só o ensino fundamental.

O vereador Paulo Landim parabenizou a iniciativa da audiência e disse que o governo erra quando não participa. É preciso ouvir, dialogar. Ouvir a população é muito importante.

Maria Eduarda, Integrante do coletivo Rolê Feira, salientou a importância de se entender e diferenciar o que é economia criativa e solidária, para que as feiras possam se consolidar na cidade. A revenda de produtos, como óleos essenciais preparados por um aromaterapeuta atende ao requisito de economia criativa, diferentemente de revenda de outros produtos, como lingerie. Na economia solidária, o foco é o impacto social local, abrangendo cooperativas, associação de famílias rurais e artesãos. Não viemos negociar se as feiras vão permanecer ou não. Elas existem e resistem há muitos anos. Estamos aqui para melhorar o que já foi construído.

O vereador Alcindo Sabino falou da preocupação do ruído que tem ouvido de que as feiras podem acabar e da importância do espaço para fazer o balanço e debater. As feiras geram trabalho e renda e que são referência

regional. As feiras contemplam a questão de trazer público de fora e não pode deixar isso acabar. Audiência pública é espaço de construção e lamentou a ausência do governo.

O feirante Yago Peres disse que tem formação em tecnologia de alimentos e a principal fonte de renda sua e da sua esposa Ana Carla são cachaças e licores feitos de forma artesanal. Não conseguem vender o produto porque o Código de Posturas proíbe.

A feirante Grazielle Soares Matos disse que hoje existem mais de 20 setores de economia criativa nas feiras, envolvendo não só o artesanato, mas tecnologia, música, arte e publicidade.

O feirante João Roberto falou que a venda é uma arte e que os feirantes estão nas feiras para trabalhar. Falou que para algumas pessoas com idade avançada têm oportunidade de vender na feira, porque já não conseguem mais vender de porta em porta. Pediu que a lei seja revista, porque ele é um revendedor.

O feirante Pedro trabalha com a sua companheira Cláudia nos quitutes veganos há 10 anos e disse que as feiras foram e são muito importantes para o trabalho deles. Elogiou o trabalho desenvolvido por todos, afirmou que as feiras são um espaço de troca e aprendizado e que com toda certeza elas vão continuar acontecendo.

Fabiana Maciel, idealizadora de feira (Rolê Feira), artesã, com experiência na gestão pública, falou do trabalho desenvolvido pela coordenadoria de economia criativa e solidária nos últimos dois anos, que ela fazia parte e questionou o governo não estar presente para tirar as dúvidas da população.

O vereador Dr. Lelo falou que no final de semana esteve em duas feiras, que representa o governo, que está verificando o que está acontecendo e que as portas estão sempre abertas.

Calebe leu o abaixo-assinado que foi feito contra as placas de trânsito colocadas no Bar do Zinho que prejudicam os feirantes, inclusive.

Pedro da Unidade Popular disse que a unidade tem um jornal e foi denunciar o governo que afirma ser contra a classe trabalhadora.

Márcia, feirante que faz pão, chocolates, falou dos avanços que os feirantes tiveram e que não pode ter retrocessos. Pediu melhoras nas estruturas oferecidas.

Júlio, feirante, contou a sua história e falou da importância de rever o código de posturas pela questão da bebida destilada, principalmente.

O vereador Guilherme Bianco falou da importância do instrumento da audiência pública e afirmou que quando estão perto das pessoas, ouvindo, a chance de errar é menor. Falou da tendência do governo, mas que ainda ninguém tem certeza de nada e é isso que todos precisam: da resposta do governo. Cobrar do governo a segurança e a posição sobre as feiras.

A deputada Márcia Lia falou do respeito ao trabalho dos feirantes e colocou o mandato à disposição.

Selma Ferreira, da feira Tô em Casa, falou que é a favor da economia criativa e popular e que faltou diálogo no começo. Que vai lutar muito pelas pessoas da feira dela que fazem economia popular.

Marcos César Roque, integrante do Conselho de Turismo e Cultura de Araraquara e um dos organizadores do Gira Feira, disse que o secretário garantiu energia elétrica e banheiro químico. Quanto a tendas, mesas, cadeiras e bebedouros é incerto porque não há esses equipamentos disponíveis na Prefeitura.

Rosana Silva, representando a Fundação Araporã, questionou o apoio à feira de cultura indígena que acontece uma vez por ano sempre com apoio da Prefeitura e pediu a garantia de continuidade da parceria.

Izabela questionou o apoio da prefeitura em todos os sentidos. Disse que quer respostas objetivas e prazos, por isso estava ali.

Gustavo acredita que atacar as feiras é atacar indiretamente o trabalho das mulheres, visto o levantamento que foi feito e apresentado.

Encaminhamentos:

- reunião com o secretário de governo, Guidolin;
- pedido de nova estrutura;

- cronograma de encontro mensal dos representantes dos coletivos com o Coordenador (como era feito);
- criação de edital;
- regulamentação da lei;
- regulamentação da economia popular – alterar código de postura;
- permanência do kit cultura;
- mapeamento das praças acessíveis.